

A mulher na vida dos grandes



A condessa Teresa Guiccioli, uma das amadas de Lord Byron, causa de um ruído escandaloso.

A sensibilidade exagerada dos artistas, a sua emotividade sempre pronta a vibrar aos apêlos do belo, torna-os, mais do que aos outros homens, escravos das influências femininas.

As mulheres foram na vida de todos os grandes poetas, de todos os grandes romancistas, os marcos miliares da sua vereda artística, as fontes suaves onde eles beberam a inspiração, ou as fogueiras ardentes onde eles queimaram o engenho, estiolando-se nas ardências das paixões estereis.

Amadas com loucura, ou desprezadas raivosamente, elas foram sempre as poderosas antenas a influenciar o talento dos escritores.

Elas surgem entrelaçadas, imiscuidas na vida dos grandes escritores como aquelas lianas inextricáveis que na floresta enredam o tronco das arvores frondosas. E tais como elas, umas lhes serviram de amparo e proteção, enquanto outras os afogaram no enredo dos seus braços.

Porque sempre foi sina dos poetas amarem desesperadamente as mulheres que lhes fogem, desprezando aquelas que os amam com devoção.

Contudo, por elas ou contra elas, eles escreveram as suas obras, eles crearam as vestes brilhantes dos seus poemas ou dos seus romances para cobrirem a nudez dos seus gritos de paixão ou dos seus gémidos de desespero.



Lord Byron, o poeta do desespero, o revoltado vagabundo, é um dos escritores cuja vida surge ao historiador rodeada por uma verdadeira côrte feminina formada por inúmeras mulheres de todas as nacionalidades e de todas as castas.

Contudo, o libertino, o homem sem pudor, o D. Juan formoso, iniciou a sua vida amorosa com os mais dolorosos desaires. E' primeiro a sua paixão por Mary Chaworth, que responde ao seu pedido de casamento chamando-lhe

the lame boy (um rapaz côxo) numa alusão maldosa e estúpida à ligeira claudicação de que sofria o poeta.

E' depois o seu casamento com miss Milbank, que não compreende nem perdôa as bizarras do poeta, e que ao fim de dez meses de casada abandona o marido para voltar a viver em casa dos pais.

E' desde esse momento que o poeta vagabundeia pela Espanha, por Portugal, pela Italia, pela Grecia, aureolando-se com a fama dos seus escandalosos amores.

Na Italia, especialmente, encontrou Byron o carinho que lhe tinham recusado na sua patria. Foram muitas as que o amaram: Mariana S. a mulher de um mercador de Veneza, Margarita Cogni, apaixonada, violenta, impudica, que

o marido vem buscar a casa de Byron acompanhado pela justiça. Mas uma, principalmente, Byron amou, e ela fiel ao seu amante foi até ao escândalo para se lhe juntar. A condessa Teresa Guiccioli que se tornara amante do poeta alcançou que o proprio Papa pronunciasse o seu divorcio, para se dedicar sem partilhas odiosas ao seu amor apaixonado.

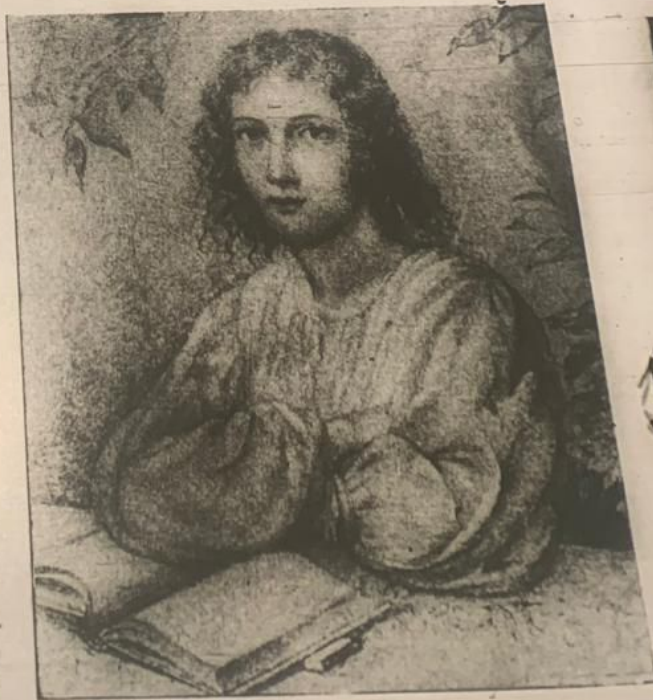
E Byron, mais tarde, esqueceu-a, como esquecera as outras.



Para Balzac as mulheres foram, não já o elemento perturbador e estiolante, mas as carinhosas inspiradoras da sua prodigiosa actividade.



Lord Byron.



Bettina von Arnim, a apaixonada de Goethe.

Laura de Berny, ca a sua primeira paixão salador, a que não re contra na adoração são dos seus últimos

Mas, o amor s com um carinho m idades, e numa li crueis trações do

E' junto dela a fracassos, das sua da sua primeira a que ela esconde

— porque o tem sombras da velh

Um outro a Balzac durante nou-o uma car

lonia por um seus romances teriosamente

E essas uma mulher em unisono preendera, tenção das em Balzac dade.

Mais t radora re dessa W

me de u polaca d

Um á Italia

a vida dos grandes escritores

io maldosa e estu-
poeta.
ilbank, que não
poeta, e que ao fim
lo para voltar a

agabundeia pela
cia, aureolando-

a o carinho que
uitas as que o
cadro de Ve-
impudica, que
car a casa de
o pela justiça.

almente, By-
o seu amante
para se lhe
eresa Guic-
amante do
proprio Papa
vocio, para
as odiosas

de, esque-
as outras.

heres fo-
erturba-
carinho-
prodi-

Laura de Berny, casada, muito mais velha que Balzac, é a sua primeira paixão, é o seu primeiro amor ardente, avas-
salador, a que não resiste a mulher já no outono, e que en-
contra na adoração do escritor, ainda desconhecido, a ilu-
são dos seus últimos anos.

Mas, o amor sensual de Laura de Berny tempera-se
com um carinho maternal que se inspira na diferença de
idades, e numa fidelidade tão grande que resistiu às mais
cruéis traições do escritor volúvel e inconstante.

E junto dela que Balzac vai retemperar-se dos seus
fracassos, das suas desilusões, e sempre o coração amoroso
da sua primeira amante, o recebe num alvoroço de paixão,
que ela esconde ingenuamente sob o seu carinho maternal
— porque o tempo inexorável a estigmatizara já com as
sombrias da velhice.

Um outro amor, e esse foi o derradeiro, acompanhou
Balzac durante 15 anos. Origi-
nou-o uma carta escrita da Po-
lónia por uma admiradora dos
seus romances, que assinava mis-
teriosamente *A estrangeira*.

E essas cartas longuissimas de
uma mulher cujo coração batia
em unísono com o seu, que com-
preendera, como ninguém, a in-
tenção das suas obras, despertou
em Balzac a mais ansiosa curiosi-
dade.

Mais tarde, a misteriosa admi-
radora revelou o seu nome: con-
dessa Wenceslas de Hanska, no-
me de uma rica e formosa fidalga
polaca de Wierzchownia.

Um dia, a fidalga polaca veio
à Itália conduzida pelo marido e



A Condessa Hanska, amante de Balzac e sua mu-
lher pouco antes da morte do romancista



Honoré de Balzac

Balzac febrilmente precipitou-se ao seu
encontro. Foram amantes, esquecidos
e alheados do resto do mundo.

Os anos passaram, mas a corres-
pondência dos dois amorosos man-
teve viva e ardente a paixão de ambos,
até que a notícia da morte do conde
de Hanska, levou Balzac a partir pre-
cipitadamente para a Polónia.

Mas a luta exaustiva que o escri-
tor travara para vencer condenára-o
à morte, e a doença prostrou-o na Po-
lónia longínqua e gelada.

Um sonho levára Balzac até lá, o de
casar-se com Eva Hanska, mas a mor-
te parece querer roubar-lhe esse desejo de tantos anos.

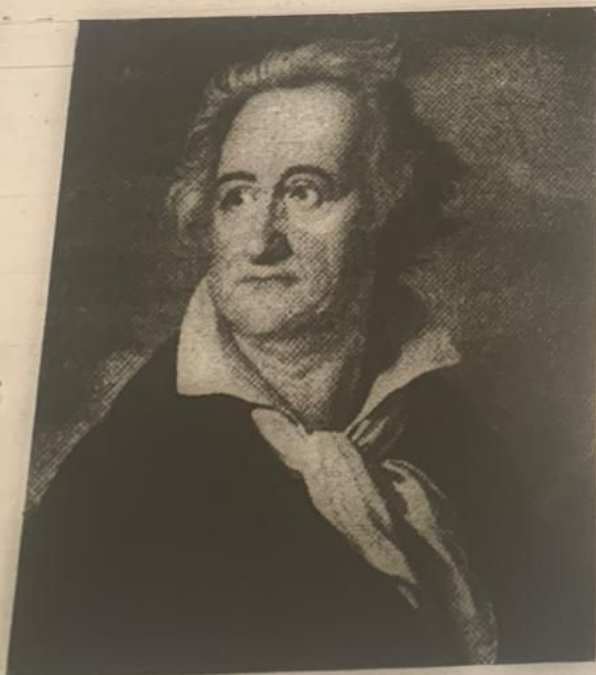
Voltam a França e piedosamente, dois meses antes da
sua morte, a fidalga polaca casa com Balzac, ofertando ao
moribundo a suprema carícia do seu amor.



Na obra de Goethe também as mulheres marcaram a sua
passagem indelevel, embora, o temperamento do grande
pensador tenha impedido os excessos comuns aos outros
escritores.

Contudo, Goethe amou, e esse seu primeiro amor por
Charlotte Von Buff, noiva de um amigo do poeta, cavou o
mais atroz sofrimento no animo de Goethe, que chegou a
encarar o suicídio como unico lenitivo da sua paixão.

Dessa longa luta, desse desespero angustiante, surgiu
o grande lamento que é *Werther*. Mas a reflexão domina ao
cabo e o poeta sufoca o seu primeiro impulso. O amante
apaixonado torna-se em artista. E os anos passaram. Goethe
envelheceu, tem sessenta anos, mas como uma derradeira
homenagem, como uma compensação ao seu amor infeliz,
floresce junto dele a paixão, platónica é certo, mas ardente
de Bettina von Arnim, jovem de quinze anos, viva, irrequieta,
formosa e inteligente que dedica ao velho poeta o seu
primeiro impulso amoroso.



Goethe, aos sessenta anos

ADOLFO COELHO